
Movimentos reivindicatórios no ambiente digital: uma análise das Tricoloucas¹

Maria do Socorro de Sousa Cruz²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Coletivos de torcidas de mulheres surgiram, na década de 2000, como movimentos que expressam voz e luta no ambiente digital por direito à livre participação feminina nas arquibancadas dos estádios de futebol. O objetivo deste estudo, que faz parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, era analisar as manifestações da torcida Tricoloucas - no perfil do Instagram (@tricoloucas) - de combate à homofobia e ao assédio nos estádios. A metodologia foi a Netnografia. O corpus de análise era composto por textos, comentários, fotos, legendas, vídeos e infográficos publicados no perfil @tricoloucas, no período de janeiro de 2022 a julho de 2023. Conclui-se que as manifestações feitas no Instagram das Tricoloucas expressam combate ao machismo e a violência contra a mulher no futebol.

PALAVRAS-CHAVE: futebol; violência simbólica; torcedoras; redes sociais; mulher.

INTRODUÇÃO

Movimentos de torcedores e torcedoras de futebol de várias regiões do Brasil criaram perfis nas redes sociais para se posicionarem contra a violência física e simbólica nos estádios. O Movimento Toda Poderosa Corinthiana surge, em 2016, contra posturas machistas no futebol e como reação a matéria do Lance! intitulada: *“Musa de São Bernardo dá show mas quem manda é o timão que vence mais uma”*.

A LGBTricolor, torcida do Esporte Clube Bahia - time de maior torcida do Nordeste – foi criada, em 2019, em defesa do direito de torcer sem distinção.

As Tricoloucas, compostas apenas por mulheres, também torcedoras do Esporte Clube Bahia, nasce com o propósito de combater à violência e o machismo no futebol.

O objetivo deste estudo, que faz parte de uma pesquisa de doutorado em

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Curso de Comunicação da UFF, e-mail: socorrocs@hotmail.com.

andamento, era analisar as manifestações das Tricoloucas - no perfil do Instagram (@tricoloucas) - de combate às atitudes homofóbicas e ao assédio nos estádios de futebol.

Moraes (2019, p.112), ao analisar experiências de mulheres torcedoras do Esporte Clube Bahia - inclusive das Tricoloucas - objeto dessa pesquisa - destaca que “as mulheres torcedoras se articularam e, além de irem aos jogos, também passaram a pautar, nas redes sociais, a necessidade de um combate permanente ao machismo”.

É importante refletir como esses novos movimentos torcedores reivindicatórios debatem, no ambiente digital, temáticas relacionadas à violência e as ofensas homofóbicas que ocorrem nos jogos de futebol. Nesse espaço virtual há manifestação que se vincula a exclusão da mulher e de torcedores LGBTQI do território do torcer.

Para obter os resultados pretendidos, usamos a abordagem qualitativa e o método da netnografia que “engloba estudos comportamentais nos ambientes online (CORRÊA e ROZADOS, 2016)”. O corpus de análise era composto por textos, comentários, fotos, legendas, vídeos e infográficos publicados no perfil @tricoloucas, no período de janeiro do ano de 2022 a julho do ano de 2023. O conteúdo selecionado e analisado tematizava o combate à violência e ao preconceito no futebol brasileiro.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para compreendermos as manifestações da torcida Tricoloucas no Instagram@tricoloucas, recorremos a Recuero (2009) e Amaral (2012). Ambas estudam redessociais na internet e a formação de comunidades online, fundamentais para estudarmos o fenômeno de torcidas na internet e vinculá-lo ao movimento reivindicatório.

Por outro lado, usamos como referência os estudos de Bandeira (2019) enquanto o autor tematiza a masculinidade heteronormativa presente nos estádios de futebol e evidencia a violência como conteúdo de socialização vinculado à construção de masculinidades viris. Os cânticos das torcidas, xingamentos e gritos homofóbicos são considerados pelo autor como atitudes agressivas de torcedores nos estádios.

Os pensamentos de Toledo (2010) dialogam com essa discussão enquanto apresentam o futebol como espaço masculinizado e machista.

Para ampliar as discussões de gênero, usamos Scott (2019) que tematiza o assunto como construção social e Auad (2006, p.23), que destaca “gênero como um

conjunto de representações construídas em cada sociedade, ao longo de sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos”.

Para relacionarmos gênero e futebol, usamos Moraes (2019 e Costa (2006), que tematizam conceitos em um contexto amplo de reivindicação das mulheres no futebol. Ainda usamos o conceito de campo definido por Bourdieu (1997).

TRICOLUCAS: MANIFESTAÇÕES CONTRA O MACHISMO

A torcida Tricolucas, formada por 60 mulheres, se autodenomina torcida organizada feminina do Esporte Clube Bahia. Essa torcida foi criada em outubro de 2017 por iniciativa de torcedoras que sentiam a necessidade de encontrar companhias femininas para irem aos jogos do Bahia. Como destaca Moraes (2019, p.106) “o movimento surgiu com o intuito de acolher mulheres que não tinham companhia ou tinham medo de ir ao estádio”. A insegurança era apontada pelas torcedoras, naquele momento, como um dos principais impeditivos para irem aos jogos do time baiano, em especial no estádio da Fonte Nova, sede do clube na cidade de Salvador (BA).

O perfil do Instagram (@tricolucas), criado em 2017 pelas Tricolucas, passou a ser um canal de comunicação e um meio de interação entre as integrantes da torcida Tricolucas e o público em geral. Esse perfil tornou-se um espaço de manifestação no ambiente virtual de questões relacionadas à participação da mulher no futebol. Atualmente, esse perfil possui cerca de 24 mil seguidores.

A violência simbólica e o assédio se tornaram pautas frequentes e problematizadas pelas Tricolucas. É possível perceber que essa questão da violência simbólica é abordada no Instagram das Tricolucas, no dia 17 de maio de 2022, em uma publicação alusiva ao Dia Internacional contra a Homofobia, a Transfobia e Bifobia. Na postagem que dizia: “*seja nas arquibancadas ou na vida, não temos mais espaço para o preconceito*” - as Tricolucas se manifestaram contra o combate a homofobia e trouxeram à tona a discussão sobre exclusão de mulheres, gays e lésbicas no futebol.

Diversos comportamentos preconceituosos e ofensas homofóbicas se apresentam de forma recorrente nos estádios de futebol e se naturalizam no contexto da sociabilidade torcedora (BANDEIRA, 2019). Esse tipo de violência simbólica é manifestado, por exemplo, nas letras dos cânticos machistas.

Como questiona Bandeira,

O que chama atenção é como os gritos homofóbicos não são entendidos como violentos pelos jornalistas ou comentaristas e por alguns estudiosos do futebol. Eles podem ser lidos como uma prática saudável, o que dá graça, faz parte do futebol. Em outras palavras, esses gritos parecem ser, de algum modo, naturalizados (BANDEIRA, 2019, p. 349).

Bandeira (2019) relaciona o estádio a um currículo de masculinidade dotado de várias exigências e comportamentos a serem seguidos. Ao observar as ações dos torcedores no estádio Beira Rio e no estádio Olímpico, em Porto Alegre (RS), o autor questiona aspectos importantes como: quais as representações de masculinidades que aparecem nos estádios de futebol?; como são marcadas as hierarquias entre diferentes representações?; de que forma os torcedores participam dos jogos? e os processos educativos nos estádios na produção de sujeitos adaptados a prática discursiva.

De acordo com Bandeira (2019), o estádio é o lugar onde se ensina a ser homem e onde há uma constante reafirmação de identidade masculina heteronormativa. Nesse sentido, percebe-se que o estudo de Toledo (2010, p.62), também dialoga com o de Bandeira, quando o autor destaca que: “como as arquibancadas contam com a maioria dos homens, para estes, o estádio é o lugar do “masculino”.

Moraes (2017), com a pesquisa intitulada: “*As torcedoras querem torcer: tensões e negociações da presença das mulheres nas arquibancadas de futebol*”, corrobora com as reflexões de Bandeira e de Toledo ao demonstrar, também, que “o futebol no Brasil é espaço de expressão e exaltação de masculinidade e de virilidade”.

Na reivindicação da mulher contra o machismo, é importante destacar os estudos de Bourdieu (1997) quando o autor define o conceito de campo como sendo:

Um espaço social estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. (BOURDIEU, 1997, p. 57).

Esse conceito de campo se aplica aos estudos sobre futebol, considerado um esporte excludente e de disputa em que o heterossexua parece exercer certo domínio sobre os demais sujeitos. A violência simbólica, retratada na nossa pesquisa, se

relaciona a essa exclusão, feita de forma indireta, contra a figura da mulher e do homossexual.

Como aponta Lemes e Temer (2020, p.6), no campo dos esportes, inclusive no futebol, isso é perceptível e “evidenciado por meio de manifestações nas arquibancadas que indicam a permissividade ou a rejeição de grupos, consolidadas por meio de estruturas verbais que determinam as representações coletivas”.

Nesse sentido, retomamos à Bandeira (2019), no momento em que o autor defende que para ocorrer essa permissão para estar nas arquibancadas é necessário cumprir o currículo de masculinidade e, com isso, afirmar identidade de homem heterossexual.

No dia 5 de julho de 2023, as Tricoloucas denunciaram a rejeição sofrida junto às organizadas do Esporte Clube Bahia que estavam presentes no estádio da Fonte Nova, sede do time em Salvador (BA). A presidente da torcida Tricoloucas, Stefane Coutinho, se manifestou, através de um vídeo publicado nos Stores do @tricoloucas. Como segue:

Fiz questão de fazer umas fotos das outras torcidas – a Bamor, que fica no setor Norte e a segunda torcida, que é a União Sinistra, que fica a dois blocos depois do nosso e das nossas duas bandeiras. E aí na hora do gol do Bahia, esses caras simplesmente jogaram copos de cervejas cheios. Enfim, é isso! O que tenho para dizer é que quem não gosta, continue não gostando, mas respeitando o nosso espaço. Não é porque é uma torcida só de mulher que isso vai acontecer (@TRICOLOUCAS, 5/Julho/2023).

Ainda sobre esse mesmo ato de rejeição e de violência simbólica causada às torcedoras, as Tricoloucas fizeram uma postagem (Figura 1) alertando sobre as possíveis reações, caso fosse repetida tal atitude de desrespeito às mulheres que compõem a torcida.



Figura 1 – Protesto contra violência simbólica
Fonte Instagram @tricoloucas

Na perspectiva de negociar essa presença no estádio de futebol, as Tricoloucas promovem e apoiam campanhas de conscientização (Figura 2) nas redes sociais, como, por exemplo: “*Uma por todas, todas por uma!!!*” (Figura 3), #*ElasNoEstadio* e #*Contra o Machismo*. Essas campanhas retratam combate das mulheres torcedoras frente ao preconceito e à violência simbólica presentes nos estádios de futebol.

Na campanha “*Uma por todas, todas por uma!!!*”, as Tricoloucas relacionam a arquibancada (Figura 3) ao Tinder - aplicativo de relacionamentos e namoro na internet – como crítica, por exemplo, as maria-chuteiras, estereótipo criado para definir as mulheres que frequentam os jogos de futebol com o intuito de “apenas ter o prestígio e o status que esse esporte possa lhe oferecer por intermédio dos jogadores (COSTA, 2006, p.7).

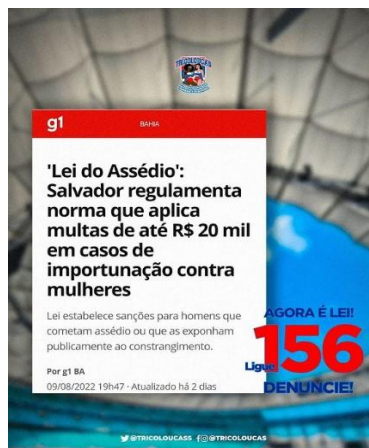


Figura 2 - Campanha de Conscientização
Fonte: Instagram @tricoloucas

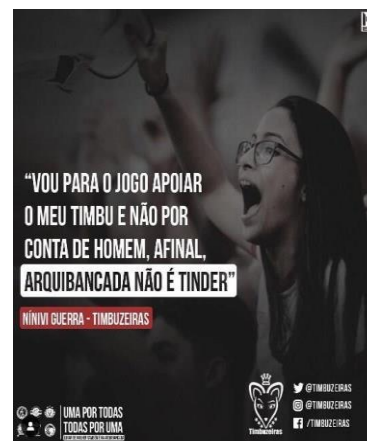


Figura 3 – Campanha “Uma Por todas todas por uma”
Fonte: Instagram @tricoloucas

Em outra postagem feita no perfil do Instagram, as Tricoloucas enfatizam o combate a estereótipo relacionado ao público feminino nos estádios e em vista do direito de serem consideradas mulheres com identidade de torcedoras do Bahia.

Houve um tempo em que fomos estereotipadas, julgadas e impedidas de sermos nós, de sermos mulheres. Os tempos mudaram. Por isso lutamos e buscamos direitos que são nossos. Tarefa árdua ocupá-los. Mas estaremos todos os dias em todos eles, porque nós podemos. Nós que somos filhas, mães e profissionais. Somos uma luta histórica e diária. Nós somos a força, resistência e liberdade para sermos nós mesmas. Somos torcedoras, somos Bahia, somos mulheres (@TRICOLUCAS, 2022).

É importante mencionar que os movimentos reivindicatórios pelas mulheres torcedoras nas redes sociais viabilizam desconstrução de discurso histórico e cultural que excluem a mulher de vários espaços que compõem o meio futebolístico, dentre eles a arquibancada. Essa discussão parece ganhar novos sentidos. As mulheres, com suas formas próprias de torcer e de pertencimento com os clubes, negociam para estar nas arquibancadas, mesmo sendo espaço de afirmação de identidade masculina. Nesse cenário de resistência ao preconceito e ao machismo no futebol, as representações torcedoras das mulheres passaram a ser apresentadas de forma menos estereotipadas.

A VOZ FEMININA: CARTÃO VERMELHO CONTRA A VIOLÊNCIA

A torcida Tricoloucas, também se manifesta no sentido de demonstrar relação com o Esporte Clube Bahia, time pelo qual torcem. Elas procuram exercer certa influência sobre as decisões tomadas pelo clube. Um exemplo desse tipo de atitude das Tricoloucas frente à tomada de decisão da diretoria, foi a contratação do jogador Márcio Almeida de Oliveira (Marcinho), acusado de atropelar e provocar a morte de professores no Rio de Janeiro. Sobre esse fato, publicaram uma nota no Instagram (Figura 4), no dia primeiro de agosto de 2022, contra a contratação de Marcinho.

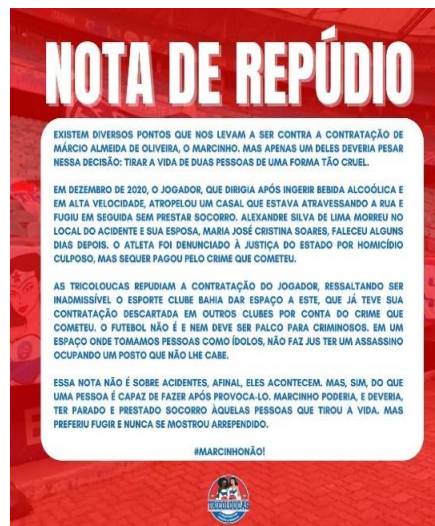


Figura 4 – Nota de Repúdio
Fonte: Instagram @tricoloucas

O posicionamento das Tricoloucas, por meio dessa nota, evidencia o tensionamento em relação ao pertencimento clubístico presente na torcida. Apesar do clubismo, onde as Tricoloucas defendem amor incondicional ao clube, as

torcedoras mantêm pautas reivindicatórias, nas redes sociais, contra decisões da diretoria.

Essa nota de repúdio repercutiu entre torcedores em geral, gerou engajamento e diversos comentários dos seguidores do perfil das Tricoloucas, como o que segue:

Concordo TOTALMENTE! É por isso que ñ compro o discurso destessupostos “defensores de minorias”, vide o lacrador presidente do Bahia. Sabe pq ele “defende” seletivamente alguns grupos como por exemploos gays? Pq está em alta o tema! Tá na mídia, é moda! É algo que traz engajamento, likes e lucro! É rentável em termos de marketing e publicidade. É só isso, pq em verdade ele ñ se importa com ninguém! Já defender dois IDOSOS mortos ñ gera onda de holofotes como outrostemas em destaque! Por isso ele ñ está nem aí! Manchou a história do Bahia! Fora Marcinho e fora esse presidente! (@TRICOLOUCAS, 1/AGOSTO/2022).

Esse comentário publicado no Instagram das Tricoloucas é uma crítica ao Núcleo de Ações Afirmativas do Bahia, criado em 2018, pelo próprio Bahia para realizar campanhas - com apoio da diretoria do clube - contra a homofobia, contra o racismo e contra o machismo. A priorização destes temas deu visibilidade ao Bahia que se propunha resgatar a imagem do clube como time do povo. Percebe-se, que o relato do torcedor, na postagem, evidencia o dilema entre as propostas defendidas pelo Bahia, ou seja, de um futebol democrático e diverso, com as lutas e resistências das mulheres e do público LGTBQI+, nas redes sociais, para ocuparem os estádios.

O uso dessas campanhas pelo Bahia pode ser visto no estudo de Cavalho (2022) intitulado: *O que é que o Bahia tem? Não é só futebol: ações de comunicação entre clubes e torcedores - Estudo de campanhas de comunicação desenvolvidas pelo Esporte Clube Bahia em 2019*. Nesse estudo, a autora analisa os desdobramentos das campanhas realizadas pelo clube no Twitter e aponta que as interações ocorrem de forma confusa e desordenada e que o clube cria campanhas estratégicas para aproximar os excluídos.

A instituição esportiva buscava se reaproximar dos torcedores mais humildes, que foram 'esquecidos' durante décadas: negros - que compõem a maioria da sua torcida -, mulheres que lutam por cada vez mais representatividade dentro dos esportes, principalmente o futebol (machista e excludente), o público LGBT e indígenas que foram os primeiros habitantes da Bahia - e assim por diante. A instituição começa a usar em suas estratégias e peças de comunicação, imagens de diferentes perfis de torcedores, para retratar a pluralidade de sua torcida, como numa estratégia que busca falar para todos, indistintamente (CARVALHO, 2022, p.54).

É importante destacar que as mulheres torcedoras do Bahia evidenciam violência simbólica no estádio da Fonte Nova, sede do time. Uma pesquisa realizada, em 2018, pelo próprio Núcleo de Ações Afirmativas do Bahia, com 1.276 torcedoras, mostra que, desse total, 37,6% das mulheres entrevistadas, têm receio de ir ao estádio em jogos do Bahia e 28% disseram ter sofrido assédio no estádio.

São dados que identificam a violência simbólica sofrida pela mulher torcedora. Os estádios, mesmo contando com maior presença do público feminino, sobretudo a partir da década de 2000, ainda são lugares que não recebem bem as mulheres e o torcedores de torcidas LGBTQIA+ - que fogem à masculinidade heteronormativa.

Isso remete ao aspecto histórico de proibição sobre a mulher, na prática do futebol brasileiro. Em 1941, por meio de um decreto-lei do governo de Getúlio Vargas, a mulher foi proibida de fazer parte deste esporte no Brasil, mesmo sendo considerado como país do futebol. Somente em 1979, a mulher passa a ter direito de jogar futebol.

Como torcedora, também, não foi fácil para a mulher adentrar ao estádio. No início do futebol no Brasil, a figura feminina apenas embelezava a arquibancada com charme e, de certo modo, legitimava a implantação desse esporte no país.

Como destaca Pereira (2000, p.76):

A relação entre a mulher e o futebol foi uma via de mão dupla. A presença de senhoritas da alta sociedade contribuiu muito para dar uma atmosfera fidalga ao esporte bretão, associando-o à elegância, tranquilidade e beleza, tornando-, portanto, um esporte apropriado para as famílias mais abastadas: “As jovens moças – descritas pelo cronista como ‘o elemento frágil da série humana’ – eram, portanto, parte ativa da consolidação do jogo por entre esses círculos elegantes, contribuindo decisivamente para sua transformação em evento social da moda”.

Essa concepção do autor nos leva a pensar sobre gênero no âmbito do futebol retratado na história desse esporte no Brasil. O binarismo homem/mulher passou a ser uma construção social e histórica que apresenta o corpo feminino como doce, frágil incapaz de participar desse esporte, considerado violento e para homem.

Como defende Scott (2019, p.54), ao tratar dessa questão, “o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” - a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres”. Esses papéis, determinados por meio de construções sociais e culturais, em que definem apenas a

identidade masculina como prioritária no futebol, são presentes nas arquibancadas dos estádios no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostra que a torcida Tricoloucas, formada por torcedoras do Esporte Clube Bahia, se posicionou nas redes sociais para reivindicar igualdade no futebol. No perfil do Instagram @tricoloucas, as torcedoras apresentaram questões relacionadas à violência simbólica, ao machismo e à homofobia no futebol.

O assédio e o preconceito foram temas priorizados pelas Tricoloucas durante o período analisado. As torcedoras, que se uniram, inicialmente, para irem juntas aos jogos do Bahia, temendo violência e assédio, têm participação mais ativa no ambiente virtual pelo reconhecimento e direito de ocupar a arquibancada de concreto.

Nota-se, portanto, que as manifestações feitas no Instagram das Tricoloucas são formas de expressar vozes e posicionamentos sobre a participação da mulher no futebol. Ainda, a internet é um meio que facilita a busca por um futebol plural e democrático e permite resistência e combate ao ideal de masculinidade hegemônica no esporte.

REFERÊNCIAS:

AUAD, D. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexualismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. Curitiba: Appris, 2019.

CARVALHO, Natália da Silva. **O que é que o Bahia tem? Não é só futebol: ações de comunicação entre clubes e torcedores – Estudo de campanhas de comunicação desenvolvidas pelo Esporte Clube Bahia em 2019**.

CORRÊA, Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. Comportamento informacional em comunidades virtuais: um estudo netnográfico do grupo de interesses SEER/OJS in Brazil do Facebook. *Biblionline*, João Pessoa, v. 12, n. 3, p. 112-125, jul./set., 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/28172>>. Acesso em: 14 maio. 2023.

COSTA, L. M. Maria-Chuteiras x Torcedoras “Autênticas. Identidade Feminina e Futebol. In: XII Encontro Regional de História, 2006. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – APERJ, Rio de Janeiro, 2006.

LEMES, L. F. R., e A. C. R. P. TEMER. “Violência simbólica E Cidadania No Futebol: O Discurso homofóbico Em Programas Esportivos”. *Intexto*, nº 49, abril de 2020, p. 233-48, doi:10.19132/1807-8583202049.233-248.

MORAES, Carolina Farias. *As torcedoras querem (poder) torcer*. 2018. 157 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania. Uma história social do futebol no rio de Janeiro, 1902-1938*. RJ: Nova Fronteira, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

TOLEDO, L.H. “Torcer: metafísica do homem comum“. *Revista de História (USP)*, v. 1, 2010,p. 175- 190.